

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

Fidelidade na embaixada

Pouca gente no Brasil conhecia o general venezuelano reformado Julio García Montoya, até que seu nome foi parar nas manchetes dos principais jornais do país em março deste ano. Tudo por causa da polêmica travada com o ministro das Comunicações, Hélio Costa, em torno da criação da TV Pública brasileira. Ao defender o projeto brasileiro, Costa disse que seria "uma TV pública e não estatal, como a que o Chávez faz". Montoya tachou as declarações do ministro de "insultuosas e perigosas". Passada a crise, o embaixador venezuelano voltou a sua rotina discreta, própria do militar.

Nos bastidores diplomáticos, dizem que Montoya não foi agraciado com o dom da palavra. Muito se apregoa que é homem de confiança do Palácio de Miraflores, mas a verdade é que se trata de um militar de carreira, um legalista. Imbuído desse espírito foi que ele participou da operação que restituíu Chávez ao poder durante o golpe de 2002. Não foi pelo chavismo, mas pelo respeito à institucionalidade.

Chávez enviou García Montoya ao Brasil como representante diplomático em julho daquele mesmo ano. Era uma espécie de "geladeira", até decidir o que fazer com ele. A vitória no referendo revogatório legitimou Chávez e lhe deu força. Com o passar do tempo, o presidente venezuelano viu que o general cumpriu corretamente seu papel. "Ele é como um cão-de-guarda. Sabemos que não vai trair sua pátria, só precisa estar bem assessorado", ironiza um assessor de Miraflores, em referência às polêmicas sobre a entrada da Venezuela no Mercosul. (CDS)